

INTERSEÇÃO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E DA SEMIÓTICA SOCIAL: UMA ANÁLISE DO TEXTO MULTIMODAL DAS CAMISAS¹ DE FORMATURA

MAIA, Denise Giarola

Universidade Federal de São João Del-Rei
denisegiarolamaia@yahoo.com.br

Resumo: Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2005) aponta para o fato de que as atividades humanas têm um aspecto não discursivo e outro discursivo. Nos estudos linguísticos e discursivos, estudamos com frequência os aspectos discursivos da prática social no que diz respeito à linguagem verbal. Porém, as pessoas se comunicam e representam o mundo, através de uma complexa relação intersemiótica. Portanto, nosso objetivo nesse trabalho foi analisar como os recursos de diferentes modos semióticos se interagem para construir significados complexos, tomando como objeto de estudo camisas de formatura de turmas do terceiro ano do Ensino Médio. Para alcançar esse propósito, estabelecemos um diálogo entre a ACD e os autores da Semiótica Social, como van Leeuwen (2005; 2006) e Kress e van Leeuwen (2006, 2001), cujos trabalhos discutem sobre a importância da análise do visual para uma compreensão que se pretende mais global sobre o sentido construído no texto. Os dados e resultados das análises de algumas camisas de formatura mostraram como é relevante a leitura integrada dos elementos verbais e visuais para delimitar as interpretações possíveis do texto estampado nas camisas de formatura do Terceiro Ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Discurso; Multimodalidade; Camisas de Formatura.

1. Introdução

Este artigo é um recorte da dissertação intitulada “A constituição das representações sobre o último ano do ensino médio no texto multimodal de camisas de formatura”, que teve como objeto de estudo camisas confeccionadas por turmas de 3º ano em algumas instituições escolares do estado de Minas Gerais.

Ao final do ensino médio, é bastante comum as turmas do terceiro ano do Ensino Médio produzirem uma camiseta personalizada para usarem durante o ano letivo, ao invés da camiseta do uniforme escolar, diferenciando-os dos demais estudantes das outras séries daquela instituição.

Não se sabe ao certo quando e onde surgiu essa prática, contudo, nota-se que ela é bastante significativa para os estudantes, pois, além de várias lojas de *silk* oferecerem esse serviço, especialmente na internet encontram-se vários modelos de camisetas, como também fóruns, onde os estudantes trocam sugestões de frases e de imagens.

A camisa de formatura é visualmente composta por uma frase que quase sempre se inicia na parte da frente e termina na parte das costas, seguida por uma imagem, geralmente desenhos de personagens dos desenhos animados. Na parte das costas, há também uma lista

¹ No decorrer deste artigo, usaremos o termo “camisa” para nos referirmos à forma dos alunos se interagirem em uma situação específica. Geralmente, denomina-se por “camisa” o modelo aberto na parte frontal, com botões e colarinho, e “camiseta”, o modelo em formato de “T”. O termo “camisa de formatura” refere-se ao gênero estampado na vestimenta com esse último formato, e não ao primeiro.

com os nomes dos estudantes e dos funcionários (diretor (a) e professores), além do nome da instituição de ensino, do ano e da série da turma².

Portanto, podemos dizer que o texto da camisa de formatura é multimodal, isto é, composto pela integração de vários recursos semióticos, tanto do modo verbal escrito quanto do visual (imagens e cores), os quais são usados para criar determinados discursos (ou representações) sobre a fase que estão vivenciando: a transição da escola para o mercado de trabalho e para universidade.

Nosso propósito, então, é discutir a noção de discurso para além da linguagem verbal, estabelecendo um diálogo entre a ACD e a Semiótica Social, exemplificando através da análise de algumas camisas de formatura que as representações podem se manifestar em diferentes modos - já que a existência do discurso independe do modo ou do *design*, isto é, pode ser realizado em diferentes maneiras (cf. Kress; van Leeuwen, 2001) e, inclusive, na integração deles em textos e eventos multimodais.

2. Discurso como representação

Todos nós nascemos em um momento específico e em uma determinada comunidade, crescemos e aprendemos com os membros mais velhos uma língua, alguns costumes, mitos e crenças do grupo no qual situamos. Dentro dessa comunidade, organizada de maneira peculiar, desenvolvemos certas atividades e interagimos com os outros, estabelecendo certas relações sociais. Desse modo, dizemos que somos sujeitos sociais, históricos e culturais.

Como sujeitos socioculturais, situados historicamente, relacionamo-nos com o mundo material, social e psicológico, isto é, o mundo interior do pensamento, sentimento e emoção. Relacionamo-nos também com os outros ao nosso redor. Todas as nossas experiências com o mundo e as pessoas são significadas através da linguagem, mais especificamente, no Discurso (substantivo abstrato), entendido como um dos momentos da prática social, responsável pela construção do sentido (semiose). Em outras palavras, o sentido é produzido na e pela linguagem, partilhado, negociado, constado e aceito pelos membros dessa comunidade nos momentos de interação, isto é, nas práticas discursivas. (cf. Fairclough, 2005)

Diferentes sujeitos podem produzir, em suas interações, diversos sentidos para as experiências que têm com o mundo e com as pessoas, pois se relacionam de modo distinto com eles, uma vez que os veem por meio de suas lentes socioculturais e históricas.

As representações são históricas e situadas. Isso significa que os aspectos do mundo podem ser representados de forma diferente no espaço-tempo. “A moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representações têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas.” (HALL, 2006, p. 71) Isso sugere, então, que a forma como as pessoas e as coisas são identificadas varia, de acordo com as representações que são construídas em dada sociedade e cultura, em um determinado momento histórico, acerca do que se é; do que é desejável e indesejável; bom e mal; normal ou anormal, e assim por diante.

Assim, os estudos linguísticos e discursivos abordam a questão da representação, que está diretamente relacionada a essa maneira como apreendemos e significamos o mundo, as pessoas e os fatos, através dos nossos discursos.

Fairclough (2005), partindo da Linguística Sistêmico-Funcional, adota o princípio de que o sistema de uma língua está diretamente relacionado às necessidades sociais e pessoais dos indivíduos. Mas quais seriam as funções básicas da linguagem em relação ao nosso ambiente social?

² Há camisas que não possuem essa configuração bem definida, isto é, uma configuração que apresente todos esses elementos, que compõem a estrutura visual, e nessa mesma disposição.

Para Halliday e Matthiessen (2004), a linguagem é multifuncional. Ao estudarem a gramática da língua inglesa, esses autores (2004) postulam que a oração possui três metafunções. Para eles, a oração é sempre atuação. Através da língua atuamos nas relações sociais, interagimos com as pessoas ao nosso redor. A oração é também uma proposição, isto é, nos informamos ou questionamos sobre algo, damos ordem ou fazemos uma oferta, e expressamos nossa apreciação ou atitude sobre o que nos é destinado e ao que estamos falando. Esta função corresponde à metafunção interpessoal. Ao mesmo tempo, quando usamos a língua damos sentido às nossas experiências. Não há nenhuma faceta da experiência humana que não possa ser transformada em sentido. Na oração são representados participantes, processos (algum feito, acontecimento, dito, entre outros) e circunstâncias. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), alguns recursos da léxico-gramática são responsáveis por essa função, a qual eles denominaram de metafunção ideacional e que pode se distinguir em dois componentes, experimental e lógico. O componente experimental revela a linguagem como organização de experiências de mundo (participantes, processos e circunstâncias). O componente lógico expressa as relações lógicas entre complexos oracionais e grupos nominais. As relações entre as orações se dão por um grau de interdependência (taxe) ou relações lógico-semânticas.

A gramática ainda revela um terceiro componente, a metafunção textual, responsável pelo sistema de informação e de organização da mensagem e coesão das orações. Portanto, toda oração é multifuncional, ou seja, constituída em três linhas metafuncionais de sentido: (i) metafunção interpessoal (oração como troca); (ii) metafunção ideacional (oração como representação), e (iii) metafunção textual (oração como mensagem).

Com base nas formulações da Teoria Sistêmica-Funcional, Fairclough (2005) postula que o Discurso configura-se de três significados distintos, mas simultâneos: (i) acional (corresponde à função interpessoal e função textual); (ii) representacional (corresponde à função ideacional) e (iii) identificacional (corresponde à função interpessoal).

Fairclough (2005, p. 124), ao tratar do significado representacional, define discurso “como formas de representar os aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, do mundo mental dos pensamentos, sentimentos, crenças e assim por diante, e do mundo social”.

Podemos pensar o discurso como representando algum aspecto particular do mundo (seus principais temas) e representando-o sob uma perspectiva (pontos de vista). Um mesmo aspecto do mundo pode ser representado diferentemente, isso porque as representações estão associadas de acordo com a relação social entre o indivíduo e o mundo e as outras pessoas, de sua posição social e suas categorias de identidade. Então, “diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo”. (FAIRCLOUGH, 2005, p.124)

Ainda devemos considerar que, além de representar o mundo concreto, por exemplo, como ele é, os discursos também podem projetar possibilidades diferentes da realidade, ou seja, podemos ter alguns discursos relacionados com projetos de mudança do mundo.

Para Fairclough (2005), os diferentes discursos e a maneira como eles se relacionam dentro de um texto (seja completando, competindo, ou dominando o outro) revelam as relações entre as pessoas. Estas podem manter-se distantes, cooperar, competir, dominar ou procurar mudar a maneira como elas se relacionam.

Sob essa perspectiva, os discursos se configuram como saberes, crenças, valores, visões de mundo que orientam os sujeitos a como agirem e se relacionarem com o mundo e as pessoas. Eles evocam certos modos de representar (ou seja, diferentes formas de pensar e de agir) os aspectos do mundo social e psicológico e que são partilhados por um grupo e materializados na linguagem, nas mais diversas práticas discursivas e textuais.

Os discursos podem ser identificados através de traços linguísticos. A maneira mais óbvia de distingui-los é pelo vocabulário, isto porque os discursos ‘lexicalizam’ o mundo de

diferentes maneiras. (FAIRCLOUGH, 2005, p.129) Às vezes, diferentes discursos podem utilizar uma mesma palavra, então, neste caso, devemos focar nossa análise na semântica das palavras e nos seus valores pragmáticos. Bakhtin (2000) já dizia que na realização socio-histórica da língua, as palavras não são “neutras”, mas repletas de visões do mundo (ideologias), ou seja, trazemos em nossos enunciados, “ecos” das palavras do outro. Portanto, cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. (BAKHTIN, 2000, p.291)

Os discursos são também diferenciados pelas metáforas. Quanto às metáforas, Fairclough (2005, p.132) considera relevante o trabalho de Lakoff and Johnson (1980)³, pois tratam desse fenômeno não como uma figura de linguagem, própria das produções literárias, mas que faz parte do nosso dia a dia.

Falamos até aqui que os discursos podem ser especificados em termos lexicais, contudo, Fairclough (2005, p.133) diz que essa distinção também pode ser realizada em termos gramaticais, através do sistema de transitividade, que nos revela as experiências de mundo dos sujeitos, por meio de suas ações, comportamentos, sentimentos, relações e falas.

Acontece, no entanto, que se levássemos em conta apenas esses recursos do modo verbal, isto é, se analisássemos apenas as frases estampadas nas camisas de formatura, excluindo as imagens, correríamos o risco de não compreendermos os discursos que são engendrados.

Kress e van Leeuwen (2001) também concordam com a definição de Fairclough (2005), entendendo discurso como sendo conhecimentos construídos socialmente sobre algum aspecto da realidade. Porém, observam que apesar da noção de discurso muitas vezes está associado à linguagem verbal, sua existência independe do modo ou do design, isto é, pode ser realizado em diferentes maneiras. Para eles, por exemplo, as imagens também podem desempenhar aqueles três significados: (i) representacional, que descreve os participantes da ação, observando se estes são interativos, construindo uma estrutura narrativa, na qual a imagem apresenta vetores indicadores de ação, ou representados, construindo uma estrutura conceitual, onde há exposição hierárquica dos participantes; (ii) interacional, que descreve a interação social, percebendo se a imagem provoca demanda ou oferta, de que ângulo e como o participante é representado, por exemplo, de corpo inteiro, da cintura para cima etc.; e (iii) composicional, que apreende de que maneira os elementos que constituem a imagem se integram a uma proposição coesa e coerente, através dos lugares específicos em que os elementos estão dispostos na imagem - topo, base, direita e esquerda, centro ou margem -, dos elementos que são usados para chamar a atenção, tais como o plano, o tamanho, contrastes e tons de cores, tamanho e tipo de letra, e por fim as conexões ou desconexões dos elementos que compõem a imagem, como linhas, bordas, ou outras espécies de divisórias.

Assim, no próximo tópico, buscaremos analisar a maneira como os estudantes representam esse momento em que estão vivendo, isto é, suas crenças, valores e visões de mundo, através dos recursos semióticos utilizados para compor o texto das camisas de formatura.

3. Análise dos discursos sobre o Terceiro Ano nas Camisas de Formatura

Nesta análise, selecionamos duas camisas que apresentam discursos (ou representações) bem diferentes a respeito da instituição escolar, do término da Educação Básica e do processo seletivo do vestibular.

Para certas turmas, o término do ensino médio é um alívio, já que não precisarão mais ir à escola. Segundo Zagury (2009), nesta idade, muitos adolescentes mostram um desinteresse pelo estudo, não querendo mais ir à escola. Por causa do desinteresse dos adolescentes em

³ LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

estudar, pais e professores passam a incentivá-los e a expor os benefícios e necessidades da educação formal. Embora a lei não obrigue o ensino médio, os pais querem que os filhos estudem para terem uma condição de vida melhor. Portanto, algumas camisas revelam o estudo e sua conclusão como algo imposto pelos adultos. Uma das frases principais nesse tipo de camisa é



Ilustração 1 - Camisa “Entramos forçados, ficamos pirados, estamos formados.”

A frase é constituída por uma sequência de processos: “entrar”, “ficar” e “estar”. Na imagem, essa sequência é representada pelas linhas divisórias dos quadrinhos, responsáveis por desconectar os elementos. Em cada quadrinho ocorre um processo, um após o outro.

“Entrar” é um processo material intransitivo. O aluno é o ator do processo, contudo, a inserção na escola foi imposta e não voluntária, já que a forma como ele entrou foi “forçada”. Essa ideia também é construída na estrutura visual. Na imagem do primeiro quadrinho temos dois participantes. Ambos exercem um processo de ação: um de “empurrar” e o outro de “impedir” esta ação, o que se conclui que o participante que empurra está obrigando o outro a ir a algum lugar que ele não quer.

“Ficar” e “estar” são processos relacionais e exprimem algo temporal e não um estado permanente, como o verbo “ser”. Os alunos “ficaram pirados”, mas isso não quer dizer que continuam ou continuarão assim. Afinal, essa etapa escolar chegou ao fim. Nesse momento, “estão formados”, mas logo não serão mais vistos como “formados”, mas como trabalhadores, desempregados ou estudantes novamente. A escolha de “formado”, no particípio, pode ter sido motivada pela sonoridade, isto é, para que rimasse com “forçados” e “pirados”.

Tanto no segundo quadrinho quanto no último temos apenas um participante. E este não realiza nenhum processo. Os elementos foram uma estrutura conceitual. No segundo quadrinho, ele apresenta um estado de cansaço: ombros caídos, boca aberta, pernas bambas, enquanto que no último está mais ereto e, portanto, mais disposto. Além disso, possui um diploma na mão e está vestido com roupas de cerimônia de colação de grau.

Assim, os alunos constroem um texto no qual podemos interpretar que a educação formal é tida como uma obrigação e não como um direito do cidadão, e que formar para eles representa um conforto. Também para esses alunos, os professores e a escola são representados como inimigos, tal como na ilustração 2.

O termo “super-herói” é utilizado para designar: “1 personagem fictício com poderes sobre-humanos, que combate o mal, defende os fracos etc. 2 indivíduo de excelente comportamento, grande coragem etc.” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 706) O texto sugere essa primeira concepção, uma vez que ao centro temos o escudo do Super-Homem, um super-herói de histórias em quadrinhos e também do cinema. Já na parte das costas, estão os nomes dos alunos que estão se formando, denominados como “liga do bem” e ainda o nome dos professores, designados por “super vilões”.

A “Liga do bem” é formada por uma equipe de super-heróis, na qual se destacam: *Superman* (Super-homem), Batman, Mulher Maravilha, Mulher gato etc. Ao mesmo tempo em que os alunos negam ser “super-heróis”, consideram a turma como a “liga do bem”.

Há aqui a representação discursiva do professor como aquele profissional cruel que quer reprovar os alunos, dando-lhes notas vermelhas, isto é, abaixo da média. Assim, embora não tenham poderes como os super-heróis, esses alunos venceram o terceiro ano e os professores cruéis, em outras palavras, conseguiram concluir essa etapa da vida acadêmica.



Ilustração 2 - Camisa “Não somos super-heróis mas vencemos o 3º”

Os super-heróis, segundo Almeida e Silva (2011), atuam como protagonistas em diversas instâncias comunicativas, além das histórias em quadrinhos, e com propósitos diversificados. Os autores contextualizam que esses personagens começaram a ganhar maior visualidade na década de 30, justamente no momento histórico da Grande Depressão (1929) e da Segunda Guerra Mundial. Essas aventuras ficcionais funcionavam como uma válvula de escape da realidade dura e difícil em que as pessoas viviam e serviam para estimular os soldados norte-americanos em combates contra os nazistas.

Conforme Almeida e Silva (2011, p. 150), os super-heróis não são tão “inocentes” quanto parecem ser. Eles não são simplesmente indivíduos com poderes fantásticos, corajosos e afortunados, mas são importantes instrumentos na constituição das representações e crenças. Para esses pesquisadores, o discurso dos super-heróis vem ao encontro do desejo de liberdade das pessoas. Além disso, é nas representações desses super-heróis que as sociedades delineiam suas identidades e objetivos, organizam seu passado, presente e futuro e reconhecem seus inimigos.

Nas camisas de formatura, como podemos observar, o discurso dos super-heróis ajuda a construir a representação da instituição escolar como a maior inimiga dos jovens, da qual querem se libertar.

Em contrapartida, concluir o terceiro ano para algumas turmas é algo que trará orgulho aos pais e professores. Os alunos se consideram vitoriosos por terem concluído o ensino médio, ou seja, essa é a grande ou a primeira conquista desses adolescentes. Isso porque, mesmo o ensino médio sendo gratuito, nem todos chegam a concluí-lo por diversos motivos: trabalho, distância geográfica da escola ao local onde moram etc.

Na camisa da ilustração 3, a conclusão do terceiro ano é representada como a vitória de uma maratona. Na parte superior da camisa há uma frase, “Corremos, lutamos, suamos e conseguimos cruzar a linha de chegada”. Os sujeitos apresentam suas ações e comportamentos. “Correr” e “suar” são verbos ligados aos processos comportamentais, uma vez que expressam ações fisiológicas. “Suar” é um termo mais informal, pois, em situações

mais cerimoniais, utiliza-se “transpirar”. “Suar” representa o esforço empenhado em uma tarefa, ou seja, a conclusão da educação básica.

Abaixo da frase, há o desenho de um pódio. O primeiro lugar é ocupado pelo desenho de uma pessoa (imagem do *Clip Art*, programa da *Microsoft Word*), vestida com um capelo e com um diploma na mão. Ela está com os braços levantados para o alto, e, ao seu lado, outra pessoa segura seu braço, apresentando-o como o vencedor. Os elementos dessa imagem formam, assim, uma estrutura narrativa de ação em que vetores saem dos braços destes participantes que são atores desses processos.

Ao redor dessa imagem há uma espécie de moldura, na qual aparece a palavra “chegada”. Desse modo, os alunos representam o terceiro ano como o fim de uma maratona, na qual são os vencedores, ocupando o primeiro lugar do pódio.



Ilustração 3 - Camisa “Corremos, lutamos, suamos... E conseguimos cruzar a linha de chegada!”

Igualmente, há camisas em que professores são representados de modo diferente, como nessa camisa da ilustração 4.



Ilustração 4 - Camisa “Não temos o quarteto mágico... Mas nosso time é campeão!!!”

A turma é representada como uma equipe esportiva, isto é, o time da seleção brasileira de futebol. Isso porque essa camisa de formatura possui as mesmas características da composição visual da camiseta do uniforme da seleção: amarela, com detalhes do viés em verde, logomarca da Nike, brasão da seleção e número do jogador.

Na parte da frente, os alunos dizem que não têm o “quarteto mágico”. “Quarteto mágico” é uma analogia com uma equipe de super-heróis de histórias em quadrinhos, o “Quarteto fantástico”, que foi utilizada para se referir aos quatro jogadores de futebol com melhor desempenho naquela época. Esses jogadores eram Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano. Acreditava-se que, com esses quatro jogadores, a seleção venceria a Copa do Mundo de 2006.

A frase da parte de trás inicia-se com o conectivo “mas”, que expressa uma ideia contrária: esse time é denominado campeão, mesmo sem o quarteto mágico. Acima da lista dos alunos formandos está escrito “seleção [nome da instituição]” e dos nomes dos professores, “comissão técnica”. A construção da metáfora do futebol representa aqui a excelência do ensino oferecido por essa instituição escolar, que possui profissionais que preparam os alunos para essa disputa. O termo “campeão” designa “que(m) se destaca por fazer algo melhor que a maioria”. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 344)

Algumas turmas representam o estudo como algo que os fará alcançar esse sucesso e o que lhes permitirá transformar a realidade em que vivem.

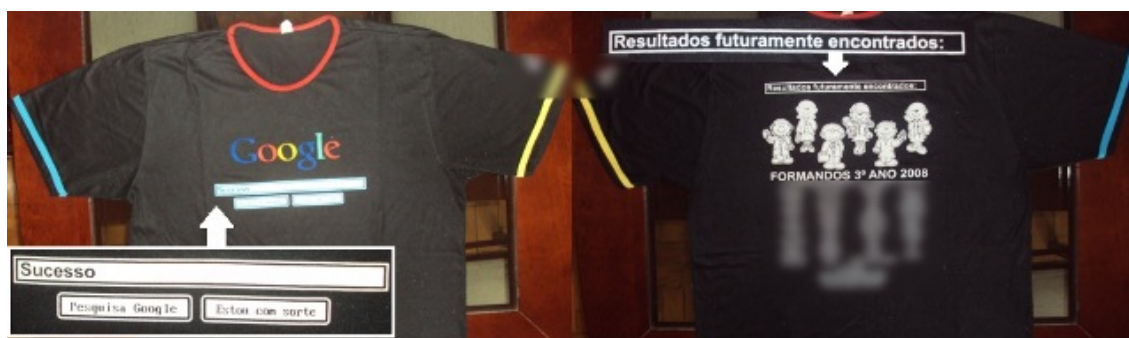


Ilustração 5 - Camisa Google

O texto desta camisa da ilustração 5 configura-se no formato de uma página do *Google*. As cores no viés da camisa são motivadas pelas cores da logomarca do *Google*: vermelho, azul e amarelo. Ao invés do tecido de cor semelhante à da página do *Google*, opta-se pelo tecido preto. A palavra inserida no campo de busca é “sucesso”. Na parte de trás, na parte superior, localiza-se a seguinte frase: “Resultados futuramente encontrados:”, e logo abaixo, a imagem de diversos profissionais, seguidos dos nomes dos alunos.

Segundo Houaiss e Villar (2009, p.703), o termo “sucesso” tem as seguintes acepções: (i) o que acontece, fato; (ii) bom resultado, triunfo; e (iii) o que alcança êxito ou fama. O vocábulo “Sucesso”, nesta frase, está relacionado aos “bons resultados” na vida profissional, como podemos inferir pela imagem escolhida. Os participantes, aqui, não realizam ações, mas relacionam com seus atributos possuídos. É uma estrutura conceitual classificacional (Kress; van Leeuwen, 2006), os participantes são distribuídos simetricamente no espaço da imagem, em distância e tamanho iguais e podem ser inferido pela semelhança ou motivo de estarem agrupados, isto é, todos possuem “profissões de sucesso” e que ocupam a mesma posição de poder na nossa sociedade. Observe:



Ilustração 6 - Profissões de sucesso

Assim, pelos objetos e roupas que esses participantes estão portando, podemos associá-los às áreas de Medicina, Engenharia, Odontologia, Licenciatura, Advocacia, Secretariado etc. Logo, cada um isoladamente forma uma estrutura conceitual analítica.

É interessante destacar o fato de que as profissões representadas na imagem dizem respeito àquelas em que o indivíduo precisa de uma formação superior para exercê-la, tal como Medicina. Fatores sociais e culturais implicam a exclusão de outras profissões como a de pedreiro, empregada doméstica, motorista e tantas outras. Os indivíduos que exercem essas outras profissões não poderiam ser também pessoas bem-sucedidas nas atividades que desempenham?



Ilustração 7 - Camisa “E depois que o baile acabar... ..vamos nos encontrar logo mais! Nosso sonho não vai terminar!”

A frase, nesta camisa, faz um intertexto com o refrão da música “Nosso sonho”, composta por Claudinho e Buchecha, dois cantores de Funk melódico. “E depois que o baile acabar vamos nos encontrar logo mais!” é, segundo Halliday e Mathiessen (2004), uma “oração complexa”. Esse tipo estabelece uma relação lógico-semântica de expansão com a oração principal (Oração complexa, expansão hipotática - oração subordinada adverbial temporal).

Na imagem, o baile é o elemento circunstancial. Reconhecemos tal ambiente pelos elementos que o compõem como as luzes coloridas e a multidão. Nesta, destaca-se um participante, o leão. Ele é o participante de maior saliência, pois se situa em primeiro plano, tem o maior tamanho e é representado com mais detalhes, como a vestimenta típica da cerimônia de colação de grau (beca, capelo). Dos membros deste participante saem vetores de ação, indicando que ele está dançando e segurando seu diploma. Assim, a estrutura caracteriza-se como narrativa de ação e representa a comemoração da colação de grau em um baile de formatura. A festa é dos alunos desse colégio cuja logomarca é um leão, participante representado na imagem.

De acordo com a frase, depois que esta comemoração acabar, o que irá acontecer é que eles continuarão a se encontrar, ou seja, a conclusão do ensino médio não é representada como o fim desse relacionamento de amizade.

Já a segunda imagem, na parte das costas, é a de um mapa do Brasil (portador/ todo), na qual estão representadas suas partes, os estados (atributos possessivos). O estado em saliência é Minas Gerais, o qual está colorido de amarelo, enquanto os outros estão em branco. De um ponto específico do Estado de Minas Gerais partem várias setas, indicando assim uma ação. Nessas setas estão escritas as siglas de várias instituições de ensino superior. Provalvemente, o local de onde partem essas setas é a cidade onde se situa a escola desses sujeitos, que depois de formados têm como propósito ingressar no ensino superior, ou seja, estão saindo da escola e indo para essas universidades, tais como UFSJ, UFOP, UFMG, UFES, UFJF, UFRJ, UFV, UNICAMP, UERJ, USP e UnB.

Os sujeitos representam o que irá acontecer com o sonho deles: “nosso sonho não vai terminar”, isto é, o sonho não terminará com a conclusão da educação básica. Portanto, o que acontecerá será a continuação do estudo.

Algumas turmas representam ainda essa transição da educação básica para o ensino superior como uma competição, e não como um sonho ou uma meta, como a camisa anterior.

O texto da camisa da ilustração 6, no qual temos, na parte da frente, a frase “O rabo ajuda...” e a imagem de um óvulo, célula reprodutora feminina, aqui representada por uma circunferência com um laço cor de rosa, e quatro espermatozóides, células reprodutoras masculinas, representados como um formato de girino, com um boné na cabeça. Os espermatozóides realizam um processo de ação intransitivo de nadar. Na parte de trás, temos a continuação da frase “mas sem a cabeça não entra!!!”, seguido da imagem da fecundação.



Ilustração 8 - Camisa “O rabo ajuda... mas sem a cabeça não entra!!”

A princípio, pela imagem interpretamos que a frase está se referindo ao processo de fecundação, no qual o espermatozóide precisa do flagelo (cauda), aqui, vulgarmente, denominado de “rabo”, para se movimentar da vagina até ao útero, e dele às trompas, a fim de fecundar o óvulo. São milhões de espermatozóides que o homem libera na ejaculação, durante o ato sexual, mas somente um consegue fecundar o óvulo, ou seja, aquele que for mais veloz e não morrer durante o percurso. Na fecundação, a cabeça do espermatozóide penetra o óvulo e este perde sua cauda. É na sua cabeça que está todo o material genético da célula masculina.

Contudo, ao observarmos atentamente a imagem, notamos que um dos espermatozóides carrega uma bandeira, destas que são levantadas para dar a partida e comemorar a chegada de um atleta em competições esportiva e automobilística. É costume também, ao desbravar um lugar, como picos de montanhas, fincar uma bandeira no local. No texto desta camisa, na bandeira está escrito “vestibular”. Observe:



Ilustração 9 - Metáfora da Reprodução

A metáfora da reprodução é utilizada aqui para representar a competitividade no processo seletivo do vestibular. Temos, então, que os espermatozoides são os alunos que estudam para serem aprovados no vestibular, uma vez que a demanda é muita, enquanto a oferta é pouca. No processo seletivo do vestibular da Universidade Federal de São João del-Rei, do ano de 2011, o curso mais concorrido, por exemplo, foi o de Medicina, em que a relação de candidato/vaga foi de 135,59.⁴ Por isso, “sem a cabeça”, na qual estaria armazenado o intelecto, o candidato “não entra” na universidade, representada pelo óvulo. Nota-se que, na parte de trás da camisa, não temos mais o laço, mas o capelo.



Ilustração 10 - Camisa “Estou vendendo meu rasta... ...passei no vestibular!”

Nesta outra camisa também temos a representação do processo seletivo do vestibular. Na primeira imagem, temos um participante representado, um rapaz com cabelos com *dread* (também conhecido por rasta), tipo de cabelo que se tornou bastante conhecido com o movimento rastafári⁵. Ele também está vestido com uma roupa com três listras, uma vermelha, uma amarela e uma verde. Estas cores representam, respectivamente, o sangue dos mártires, a vegetação e a riqueza do continente africano.

Os elementos desta imagem formam uma estrutura conceitual, uma vez que não possui vetores. O participante foi representado dos ombros para cima, como em uma fotografia 3x4, porque o que interessa ser mostrado, na imagem, são seus cabelos, na parte da frente, e a ausência deles, na parte de trás. Há, aqui, uma espécie de construção de um antes e depois que representa o ritual de passagem para o ensino superior, o trote.

O trote consiste de brincadeiras e prendas, organizadas pelos estudantes mais antigos, os veteranos, durante uma semana, chamada calourada, no início do semestre, para os recém-chegados às universidades, que são designados como calouros ou bichos. Essas brincadeiras consistem em sujar as roupas dos calouros com tinta, raspar os cabelos dos meninos, fazê-los pedir dinheiro em sinais de trânsito, a fim de organizarem uma festa com o dinheiro arrecadado, entre outras. Às vezes os trotes são violentos e os calouros se sentem humilhados e agredidos, o que tem feito com que muitas instituições sejam contrárias a essa forma de receber os novatos, buscando, assim, abolir essa prática dentro do *campus*. Em algumas instituições de ensino superior, o trote é proibido e/ou substituído por um trote solidário, como doação de sangue, e também palestras e dinâmicas promovidos pelos órgãos estudantis.

Desse modo, o sujeito “está vendendo seu rasta”, porque este foi cortado no trote que ele recebeu, devido à sua aprovação no vestibular. Temos, nessa camisa, a representação do

⁴ Informação divulgada no site da UFSJ. Disponível em: <http://www.vestibular.ufsj.edu.br/vestibular_20111.php>. Acessado dia 10 de out. 2011.

⁵ É um movimento religioso que surgiu na Jamaica, que proclama Hailê Selassiê, imperador da Etiópia, como representação terrena de Deus.

ingresso na universidade, marcado pelo trote. É essa a experiência que eles vivenciam no final do ensino médio.

As camisas de formatura, geralmente, são produzidas, antes de os alunos prestarem o vestibular e/ou serem divulgados os resultados. Desse modo, como o aluno dessa turma pode afirmar que passou no vestibular? Essa camisa foi produzida por uma turma de terceiro ano de uma escola privada. Assim, possivelmente, essa assertiva deve-se à crença de que os alunos que vêm de escola privada são aprovados no vestibular. Nota-se, portanto, que esta turma busca através de uma representação identificar qual aluno de qual instituição escolar possui uma melhor qualidade de ensino, qual é o melhor, aquele que será aprovado.

4. Considerações finais

Nas análises, podemos observar que os alunos constroem um texto coerente, onde expressam suas vivências e expectativas em relação ao ensino médio e também suas crenças e visões de mundo acerca da instituição escolar, dos professores e do processo seletivo do vestibular, de forma perfeitamente adequada às finalidades daquela situação comunicativa e através de recursos provenientes do modo verbal e visual. Às vezes, estruturas verbais são “economizadas” por estruturas visuais, pois conseguem captar mais a atenção do destinatário. Por outro lado, elementos linguísticos, tais como certos léxicos, precisam ser expressos para que a imagem não se torne ambígua e para que o destinatário perceba também as metáforas que são construídas no texto.

Dessa forma, se levássemos em conta apenas um dos modos, por exemplo, se analisássemos apenas as frases, excluindo as imagens, e vice-versa, correríamos o risco de ter demasiadas leituras, enquanto que, na busca de analisar o texto em sua totalidade, as limitamos.

Portanto, concluímos, através da análise dessas camisas selecionadas, que o discurso não se realiza apenas no modo verbal, por isso, é relevante considerarmos a integração dos vários modos semióticos, que estruturam a mensagem em um todo coerente, a fim de entendermos com mais clareza as mensagens e identificarmos as crenças e os valores que esses textos veiculam.

5. Referências bibliográficas

ALMEIDA, Daniella; SILVA, Jordão. Who's got the power? Uma análise visual da figura do super-herói no texto publicitário. In: CARMO, Cláudio. (Org.). **Textos e Práticas de Representação**. Curitiba: Honoris Causa, 2011, p. 147-162.

BAKHTIN, Michael. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1992] 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. 3. ed. London: Routledge, [2003] 2005.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, [1992] 2006.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, [2001] 2009.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. London: Routledge, [1996] 2006.

_____. Introduction. In: KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. Londres: Oxford University. Press Inc, 2001.

VAN LEEUWEN, Theo. Multimodality, genre and design. In: NORRIS, Sigrid; JONES, Rodney. **Discourse in action: introducing mediated discourse analysis**. New York: Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing Social Semiotics**. 2. ed. London: Routledge, [2005] 2006

ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, [1996] 2009.